

GESTÃO CULTURAL¹

Luzia FERREIRA-LIA²

Maria Helena da Cunha é gestora cultural e consultora. Especialista em planejamento e gestão cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sócia fundadora da Escola Livre COMUNA S.A. Coordena academicamente o curso de pós-graduação em gestão cultural do Centro Universitário UNA em parceria com a Fundação Clóvis Salgado. Ministra palestras no Brasil e no exterior sobre gestão cultural e formação profissional. Foi superintendente de programação da Fundação Clóvis Salgado/ Palácio das Artes.

O livro é o resultado da pesquisa de mestrado da autora, concluído em 2005, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A autora passou a ter interesse pela temática em virtude de ter trabalhado na área de gestão cultural desde o início dos anos de 1990 do século XX, e como historiadora procurou associar-se a projetos que lhe permitissem não somente a visão do valor artístico-cultural, mas sim possibilitassem a reflexão sobre o processo capaz de construir o sujeito considerado em seu entendimento “peça fundamental desse fazer artístico” mais especificamente quem fornecia conceito e metodologias para gerir o setor cultural, visto pela autora como mercado de trabalho e produção artística.

Tem como campo de pesquisa a cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, onde a autora busca compreender, a partir da ação dos profissionais que geriam a cultura no período analisado, como se estabeleceu o campo da gestão cultural belo-horizontino. Assim, baseada nas experiências vivenciadas, ela esperava responder aos seus questionamentos tanto sobre a necessidade de dar formação aos profissionais por meio de cursos como também saber se esses entendiam o processo de concepção de seu campo de atuação.

Dessa forma, a obra mostra como se deu a configuração do campo gestão cultural a partir da prática nas instituições culturais de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, Brasil.

¹ Resenha da obra: CUNHA, M. H. da. *Gestão Cultural: profissão em formação*. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2007. 196 p.

² USP – Universidade de São Paulo. Museu de Arte Contemporânea – São Paulo – SP – Brasil – 05508-050 – liaferrera@gmail.com

Sua principal característica é ter realizado pesquisa com os trabalhadores, agentes culturais, para entender quais foram os caminhos trilhados e que possibilitaram formá-los com gestores culturais e desta forma acabaram por configurar a primeira geração de gestores mineiros na área da cultura.

O tema foi abordado a partir das inquietações da própria autora, que desempenhou atividades em instituições culturais da cidade de Belo Horizonte, e intuía que suas ações estavam modificando a maneira do fazer cultural e isso possuía uma especificidade que diferia do simples ato de administrar, ou seja, criava algo novo e portanto, necessitava de pesquisas que fornecessem subsídios para entender o processo ocorrido nas últimas duas décadas do século XX.

A obra é um ponto de referência para gestores culturais no Brasil, onde existem poucas publicações sobre a temática na área; os demais interessados na temática cultural terão facilidade para compreender a proposta da autora, pois não há necessidade de que se tenha adquirido conhecimentos prévios. A publicação funciona como um primeiro manual da gestão cultural no Brasil.

Baseada na teoria de Bourdieu, o que possibilitou a sustentação do texto, a autora utilizou-se ainda dos subsídios de vários referenciais teóricos como, por exemplo, aqueles encontrados em Featherstone e Canclini, apoiando assim a teoria de referência.

Na obra resultante da pesquisa de mestrado foram utilizados basicamente dois métodos de pesquisa: a pesquisa-ação e a pesquisa participante.

Ao terminar a obra, a autora informa que suas reflexões não foram conclusivas, porém propiciaram a abertura de novos leques de questionamentos sobre a nova profissão de gestor cultural na contemporaneidade. Aponta ainda que deve ser revista a importância dada aos cursos de formação, a qual ela considera “excessiva” em nossa sociedade. Entende ainda que, como campo novo de trabalho, existem não só um tempo, regras e códigos para se estabelecer, mas são necessárias “ações e atitudes; de pessoas ou grupos”, as quais venham dar sentido, ou melhor, criem uma idéia do que seja coletividade, e isso faz com que adquira “corpo e força” no processo de formação, eu diria: formatação, e passem a ter o reconhecimento social e econômico, constituindo-se assim as bases para se tornar um campo de trabalho.

Após discorrer longamente sobre as entrevistas dos gestores culturais de Belo Horizonte e buscar efetuar paralelos com a teoria que apoiou a pesquisa, suas conclusões aparecem no final do item “O jogo de relações e os saberes profissionais no campo da gestão”, início e final do item “Perspectivas para uma nova profissão”, no capítulo III.

A obra mostrou a necessidade de que sejam estabelecidos os parâmetros da função de gestor cultural no Brasil, não só a partir de nossas vivências diante de

instituições culturais, mas do encontro de um caminho que possibilite ao gestor cultural a visão de seu campo de atuação, em que este tenha dimensão da importância de seu papel na formação da sociedade brasileira.

A partir da sistematização dos fazeres, a obra procurou demonstrar que é necessária uma formação que possibilite aos gestores ter a sensibilidade para o trabalho nas diversas áreas das artes.

A pesquisa apontou novas idéias no campo da gestão cultural e isso permitiu a compreensão de como se deu a constituição da profissão de gestor cultural em Belo Horizonte, Minas Gerais, e nesse sentido foi bastante criativa.

As análises das entrevistas, pontuais, com os trabalhadores área cultural, tornou possível esse entendimento de como está sendo constituído o campo da gestão cultural de Belo Horizonte.

Na obra foram utilizadas várias literaturas que permitiram sua fundamentação tanto teórica como filosófica, mostrando que a autora teve acesso a vários textos da área cultural, sobre os quais ela procurou mostrar seu domínio durante toda a redação do texto.

A abordagem utilizada pela autora mostrou os diferentes ângulos da profissão de gestor cultural, bem como as várias implicações surgidas nos momentos de decisão, ainda em meados da década de 80 do século XX, quando não havia regras nem manuais a seguir e sim a intuição de cada trabalhador da área cultural.

O estilo utilizado é dissertativo, descritivo e narrativo. Em muitos trechos da escrita o leitor se sente confuso pois, como resultado de um mestrado, a dissertação é repetitiva. Contém muitas informações e isso não permitiu à autora direcionar o texto para uma objetividade maior. Mesmo havendo desvios, ela conseguiu dar certa coerência ao texto.

O livro em formato 22 x 16 cm, dividido em três capítulos, mantém uma lógica, indo da institucionalização da cultura no Brasil para a gestão cultural: profissão em formação e culmina com a gestão cultural como formação profissional, ou seja, a autora foi do geral para o específico. Portanto, o formato da obra mostra que há equilíbrio entre os capítulos.

No tocante à gestão cultural como profissão, a obra é original não só para Belo Horizonte, Minas Gerais, como para o Brasil.

A obra é dirigida aos profissionais da área cultural em geral, estudiosos da questão cultural e demais interessados na temática gestão cultural, podendo ser considerada um manual de práticas de gestão cultural do qual podem ser retirado subsídios para novas pesquisas.

